

# ENSINO DAS CIÊNCIAS NO MUNDO VIVIDO: A PARTIR DA EPISTEMOLOGIA DE MERLEAU-PONTY

Denis Oliveira Silva<sup>1</sup>

José Camilo Ramos Souza<sup>2</sup>

## RESUMO

A epistemologia de Merleau-Ponty, para o mundo das ciências, ajuda resgatar a percepção e o sentir no mundo vivido, das quais possuem por indicação relações com a significação existencial, cuja, a percepção é o movimento que temos para percebê-lo e situarmos-nos como sujeitos. Este texto busca refletir como o mundo vivido explicitado nas obras *Conversas – 1948* (2004), e *Fenomenologia da Percepção* (2011) contribuem para o ensino das ciências nos anos iniciais do ensino fundamental. Os estudantes entendam que a ciência é a explicação, observação do mundo em construção, existe porque o ser humano faz com que tenha significado, que a fonte primária desse saber, são suas percepções do mundo vivido. Em um mundo que existe, antes de qualquer cientista fazer observação, e coloque-o sobre investigação. Que o ensino das ciências, estimule os estudantes, a reaprenderem a verem o mundo, a partir da percepção, apropriando-se do saberes construídos. Assim, a sala de aula, seja um espaço de construções de significados, de relações existenciais entre os sujeitos, que façam da ciência a expressão segunda desse mundo, como Merleau-Ponty apontou. Situação que o ensino das ciências, estimule os estudantes, a reaprenderem a verem o mundo, a partir da percepção, aproprie-se dos saberes, sabendo que a ciência só tem significação na relação com a prática de existência humana.

**Palavras-chave:** Percepção. Existência. Significância. Mundo da ciência.

## RESUMEN

Epistemología de Merleau-Ponty, al mundo de la ciencia, ayudar a rescatar a la percepción y la sensación en el mundo vivido, que tienen unas relaciones nominales con significado existencial, cuya percepción es el movimiento que tenemos que verlo y situarnos -En como sujetos. Este texto pretende reflejar cómo vivió el mundo explícita en las Conversaciones de obras - 1948 (2004) y la Fenomenología de la percepción (2011) contribuir a la enseñanza de la ciencia en los primeros años de la escuela primaria. Los estudiantes comprenden que la ciencia es la explicación, la observación mundial en construcción, existe porque las causas humanas ha hecho que la principal fuente de este conocimiento son sus percepciones del mundo vivido. En un mundo que existe antes de cualquier científico que la observación y colocarlo en la investigación. La enseñanza de la ciencia, animar a los estudiantes a aprender de nuevo a ver el mundo de la percepción, la apropiación de los conocimientos construidos. Así, el aula, es un espacio de construcción de significados, relaciones existenciales entre los sujetos que conforman la ciencia de la segunda expresión de este mundo, como Merleau-Ponty señaló. Situación que la educación científica, fomentar en los estudiantes que volver a aprender a ver el mundo de la percepción, hacerse con los conocimientos, sabiendo que la ciencia sólo tiene sentido en relación con la práctica de la existencia humana.

**Palabras clave:** Percepción. Existencia. Importancia. Mundo de la ciencia.

---

<sup>1</sup> Mestrando no Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências na Amazônia. Graduado em Pedagogia. E-mail: denissilvamestrado@outlook.com.

<sup>2</sup> Doutor em Geografia Física na Universidade de São Paulo – USP. Professor do Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências na Amazônia da Universidade do Estado do Amazonas – UEA. E-mail: jcamilodesouza@gmail.com.

## INTRODUÇÃO

Abordar a percepção de mundo a qual Merleau-Ponty, referiu-se nas obras *Conversas – 1948* (2004), e *Fenomenologia da Percepção* (2011), são situá-las na essência com o mundo vivido, na qual cada sujeito, vive e percebe, mas, que é estimulado pelo pensamento objetivo, utilitário da ciência, a esquecer sua sensibilidade, sua percepção do mundo existente. Entendia-se como ações insignificantes para a construção do campo científico, que apenas considerava as leis formuladas por ela, como absolutas e suficientes em si mesmas, não se importando com que os sujeitos percebam sobre o mundo vivido.

Mundo vivido, construído pelos sujeitos, que são a ação, a transformação realizada pelo agir antrópico, e dos outros seres vivos sobre o mundo. O viver, expresso nas relações diárias, cotidianas, no trabalho, no comunicar com o outro, nas brincadeiras realizadas entre as crianças, nos objetos construídos pela ciência, que modificam o existir, que possibilita criar significados sobre tudo o que é feito.

Atitudes que vão construindo o mundo em que vivemos numa relação de percepção do que sentimos, vão significando o existir, e criando coisas, por meio das experiências vividas. Nesse momento para a ciência o homem era visto como um objeto, que apenas aplicava as leis, que fazia as observações para a aplicação das leis ao objeto de investigação, com hipóteses testadas, com objetivos de validar como verdade ou não.

Merleau-Ponty considera o mundo vivido, construído pela percepção de cada sujeito, que constrói o mundo através da experiência, e compreende o mundo da ciência, como um saber que explica e transforma o que existe considerada por ele como um saber secundário, de um mundo existente, antes de qualquer análise científica. Consideramos que a percepção que Merleau-Ponty, tinha sobre o mundo vivido, da qual compreende o mundo da ciência, como saber secundário da construção dele, ajuda no processo de inserção do ensino das ciências nas escolas, para que o professor e o estudante percebam-se como sujeitos, construtores de infinitas possibilidades de interpretações sobre o mundo em que vivem, apropriando-se de saberes sócio científico, e dos saberes culturais, que através do tempo aprendam que a ciência, é realizada sobre as experiências reais do mundo, onde estão situados.

## 1 O MUNDO VIVIDO RELACIONADO AO MUNDO DA CIÊNCIA

Esboçar neste texto todo o pensamento de Merleau-Ponty seria pretensão, pois são obras vastas de epistemologia, ontologia de um autor singular no pensamento moderno, que compreendeu a essência como fonte de aprendizado para explicar um mundo que existia antes mesmo de refletir e de sistematizar o conhecimento encontrado em suas obras.

Entendia que era a fonte absoluta de todo o aprendizado, compreendia que o mundo não estava pronto, mas, está a sua volta para percorrê-lo com o olhar, aprendendo tirar considerações a partir do que vivia e sentia.

Contribuições significativas para reaprendemos, perceber o mundo em que vivemos, com percepções que resgatem a significância do mundo que está em torno de nós, situando-nos como seres construtores dele, dando a ciência, o caráter secundário, das explicações sobre o que vivemos, e sentimos, onde não precisaríamos no primeiro momento consultar um físico, ou biólogo, para nos ensinar o que é uma floresta, quais os motivos de uma fruta cair no chão, mas, compreender que o mundo da ciência, é tão importante que o mundo cultural nos oferece, para nos apropriarmos dos saberes construídos socialmente.

O ensino de ciências, na escola tem sido um objeto distante das vivências dos estudantes, envolvê-los de maneira criativa ao ensino-aprendizagem tem sido foco de pesquisas de variados temas, com diferentes abordagens, epistemológicas e ontológicas.

Sobre esses argumentos, escolhemos para contribuir com a construção do ensino das ciências, a epistemologia de Merleau-Ponty, entende que o mundo está para ser feito, cada sala de aula, cada estudante tem seu mundo, mesmo que vivam na mesma casa, na mesma comunidade, mas, cada ser humano tem a percepção singular de algo, aprende a partir de seu mundo do que vive, no mundo que está a sua volta, que as ciências são aprendizagens que fazem parte da percepção, inflige que o sujeito compreende o mundo a partir de uma visão dele, do que viveu, aprendeu, percebeu no processo de existência ontológica, para depois compreender o mundo das ciências.

Inserir propostas que os escritos de Merleau-Ponty (2011), apareçam nas práticas de ensino, requer compreender a essência do mundo dos sujeitos que estão no processo de escolarização, por entender que para perceber algo no mundo o estudante, vive a experiência, para compreender que o mundo está em seu entorno está para ser construído, inserindo nessa relação o mundo científico, como saber que representa explicações do mundo vivido, ensiná-los, que a percepção, o vivido deles é a fonte de todo o conhecimento que irão aprender por todas suas vidas. Incentivá-los a reaprenderem a verem o mundo vivido, através de relações

com conhecimentos sócios culturais, sócio científico, por meio de trocas de experiências conectadas ao local de vida.

Local de vida, chamado por Merleau-Ponty de mundo vivido, ou mundo cultural, possibilidades que o professor, tem para inserir no processo de ensino, que o pensamento científico, não seja ilustração definitiva do aspecto observado, colocado sobre hipótese do rigor científico, mas, compreenda-se que a ciência é um saber aprendido através da percepção do sujeito, são relações realizadas no mundo existente.

Todo o universo da ciência é construído sobre o mundo vivido, e se queremos pensar a própria ciência com rigor, apreciar exatamente seu sentido e seu alcance, precisamos primeiramente despertar essa experiência do mundo da qual ela é expressão segunda (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 3)

Aprender e ensinar que o universo da ciência, é um processo construído no mundo vivido que existe porque há sujeitos que fazem com que o mundo tenha existência, a ciência é a expressão que investiga, conhece, inventa, a partir de essências, formadas a partir de representações, realidades, imbricadas em relações de subjetividades, e objetividades, intrínsecas ao mundo vivido do sujeito, que estar e percorre com seu olhar, no mundo que está em torno e começa a existir para ele.

A percepção uma essência que Merleau-Ponty, valoriza no processo de aprendizagem, uma ação revelada pelos sentidos de cada um, inserido no mundo, que vai construindo-se através de subjetividades, vividas e percebidas com intencionalidades, não como objetos neutros como repasses de informações de gerações a gerações, como conhecimentos estáticos, que não sofrem inferências de subjetividades, apenas de objetividades, determinadas pela cientificidade, através dos métodos empregados pelos cientistas que acreditavam ou acreditam que as ciências são elementos isolados do mundo vivido. Esse argumento nos remete ao que Merleau-Ponty, argumentou em uma das sete conferências, encomendadas pela Rádio Nacional Francesa em 1948, nas quais foram escritas no livro *Conversas – 1948*. “Reconhecer, na ciência e nos conhecimentos científicos, um valor tal que toda nossa experiência vivida no mundo se encontra imediatamente desvalorizada [...]” (MERLEAU-PONTY, 2004, p.2).

Identificou que nas ciências, a experiência o que as pessoas viviam eram desvalorizadas, retirada de maneira intencional do processo de construção do campo científico, que só era válida a compreensão, validada pelos métodos científicos, aceitos pelos cientistas, que entendiam que para fazer ciência, precisava-se isolar do contexto onde vivia,

para que não tivessem interferências subjetivas, e que também separavam o objeto que pesquisavam do contato externo ao mundo da ciência.

Em decorrência dessas maneiras de fazer ciências, foi entendido que o mundo percebido, o que o sujeito sente, através de ações, na existência construída pelo seus sentidos, para viver no mundo que está para ser feito, esse mundo foi estimulado a ser esquecido, ignorado no momento em que entenderam que para aprender um conhecimento científico, precisava-se esquecer o mundo da percepção, onde o ser humano abre seus olhos e começa olhar o mundo que está a sua volta.

Sentido esse que Merleau-Ponty, aponta que a ciência só será construída no mundo vivido, a partir do momento que ela for interpretada como secundária na vida dos sujeitos, e não como um elemento primário. A percepção subjetiva de cada sujeito é a fonte para aprender, viver, construir o mundo vivido, dando-os a possibilidade de imaginar a significação mundo, demonstrado quando entende a linguagem utilizada, a significação de algo, porque antes de ter ações, teve experiências anteriores que dão sentido ao que está em torno no momento que precisa da informação sobre alguma coisa.

Entender que a ciência é construída no mundo vivido ajudará o ser humano perceber as potencialidades que ela ainda poderá alcançar, muitos entendem a ciência como algo primário, superior aos outros conhecimentos, colocados como supremos, e que podem explicar, deduzir sobre todas as evidências encontradas no mundo percebido. Dá outros ângulos de significados a ela, partir de compreendê-la como secundária, e que ela é uma explicação, interpretação do que existe no mundo vivido, e que o mundo percebido não é certo nem errado, mas colocá-lo como auxiliador na construção do mundo científico, poderá possibilitar a ciência alcançar, campos ainda não alcançados, a ciência não é apenas objetividade, sistematização de métodos válidos, empregados por cientistas que estudaram seus métodos para aplicá-los ao mundo vivido.

Merleau-Ponty (2011) aponta que a ciência emprega seus métodos ao universo aceito por ela, para legitimar suas verdades dando uma falsa visibilidade ao percebido, mascara a subjetividade, dentro de ações de investigações, que utilizam o visível na relação do que se aprende com os olhos e o sensível o que se aprende pelos sentidos. Objetiva ignorar o percebido quando o ser humano pensa o objeto visto, que através de sua percepção, constrói suas considerações sobre o mundo percebido, que não se esgota ao que ele ver, sente, mas, compreende que sua percepção é apenas um ângulo de aprendizado, no mundo em construção.

Porque, entende que o mundo que está em seu entorno está em construção, e ele como um ser existente, vão ao encontro, sustenta suas considerações a partir do que percebe,

vive no contexto que está situado, compreende que sua percepção é uma consideração sobre alguma coisa, que faz parte de um campo mais amplo, que vai além do percebido.

Ângulos de existência, que antes de empregar qualquer método científico, o mundo já existe, na aceção dos sujeitos que fazem com que ele exista, através de seu encontro com ele, e que todos os instantes modificam.

Sentido esse que a ciência não compreendeu, quando não percebeu que o mundo já existia, antes de qualquer interpretação sistemática, proferida pelo seus argumentos baseados em teorias, organizadas por cientista que pensavam no cogito de Descartes, penso, logo, existo.

Pensamento preponderante, por muito tempo no mundo da ciência, compreendia que a partir da empregabilidade da rigidez, observações, neutralidade nas análises, conseguiram formar uma ciência que seria a verdade, para ser transmitida na sociedade.

Na obra Fenomenologia da Percepção (2011), Merleau-Ponty, aponta que o mundo vivido, é onde a ciência é construída, que ela tem significado, no momento que a percepção do sujeito esteja situada sobre ela, compreenda que o mundo da ciência são relações existenciais com o vivido no local de vida.

Os sujeitos associam a construção de outras possibilidades de existências, a outras experiências, que não são inferiores nem superiores ao presente, mas que ajudam a construir o mundo vivido, nesse processo utilizam-se os olhos o que significa para Merleau-Ponty (2011), o visível, outro componente seria os sentidos, significa sensibilidades.

Sentido que Merleau-Ponty (2004), argumenta que o mundo da percepção, nos é revelado pelos nossos sentidos e pela experiência vivida. Apontamentos que explicam que a construção da existência tanto no mundo da ciência, e do mundo vivido, são objetos perceptivos intencionais, que tem significado percebido pelos nossos sentidos, ou pelas experiências vividas, inserindo-se numa relação de estar no mundo, para perceber que:

As coisas não são, portanto, simples objetos neutros que contemplaríamos diante de nós; cada uma delas simboliza e evoca para nós uma certa conduta, provoca de nossa parte reações favoráveis ou desfavoráveis, e é por isso que gostos de um homem, seu caráter, a atitude que assumiu em relação ao mundo e ao seu exterior são lidos nos objetos que ele escolheu para ter à sua volta, nas cores que prefere, nos lugares onde aprecia passear (MERLEAU-PONTY, 2004, p.23).

Compreender que o mundo é construído a partir de vontades, e escolhas de homens, que utilizaram em alguns momentos a ciência, como um dogma, que não consideravam os saberes que não eram sistematizados pelo rigor metodológico científico, e nem pela

epistemologia que regia em certo tempo a maneira de fazê-la, compreenderam-se na razão de escolher a ciência como saber absoluto, total, e excluir o percebido no mundo vivido.

Merleau-Ponty considera a importância do mundo vivido em associá-lo ao mundo da ciência, pois, assim como argumentava que o homem escolhia as coisas para estarem em volta dele, no mundo da ciência, havia as preferências dos que a faziam em escolher o que gostariam de colocar nas pesquisas, nas escolhas dos objetos passíveis de investigações.

O mundo vivido, não existe apenas para contemplarmos, como um objeto neutro, que espera a consideração da ciência sobre ele, mas, que existe porque estamos ali para conhecê-lo, sustentá-lo a partir de meu olhar em volta dele, que minhas experiências, vão ao encontro desse mundo existente.

Essência que somos tentados a esquecer, por um pensamento utilitário e objetivo, por uma ciência dogmática, que considera apenas seus métodos como verdades, exclui o mundo vivido, o percebido pelos sujeitos.

Saber construído através de pensamentos que consideravam a ciência, como fonte da verdade, independentemente de quem a formulava, importava fazê-la como se não houvesse nenhuma interferência subjetiva, percebida na existência, mas, compreender a realidade, como neutra, passiva apenas de hipóteses científicas.

Compreensão que a ciência, bastasse para si mesma, através de hipóteses, observações, realizadas pelo ser humano, entendia-se como possuidor capaz de formular, conhecimento entendido como soberano, que não considerava o mundo cultural, representado pelas ações do sujeito.

[...] um homem rematado, destinado a ser “senhor e possuidor” da natureza como dizia Descartes, capaz, assim, por princípio de penetrar até o ser das coisas, de constituir um conhecimento soberano, de decifrar todos os fenômenos e não somente os de natureza física, mas ainda aqueles que a história e a sociedade humana nos mostram [...] (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 33).

Ciência que não considerava o significado do ambiente que estava inserida a realidade, compreendia as conclusões realizadas pelos métodos científicos como definitivas, absolutas, que apenas precisavam ser regidas por leis físicas, movimento comandante das ações do mundo vivido. Sistematizações inventadas pelos cientistas entendiam que para fazer ciência, não deviam ter subjetividade, mas, objetividade imbricada nas teorias.

O homem entendido nesse momento, como um ser que não precisava de pesquisas para descobrir suas manifestações, Merleau-Ponty (2011), um sujeito que não importava para o mundo da ciência, desvalorizado.

Merleau-Ponty (2011) aponta uma trajetória inversa do que a ciência, trilhava, entendeu que a ciência, está no mundo, e que suas relações são existenciais a outros campos, dando sentido que ela não bastava para si mesma, mas, compreender-se como uma percepção, realizada a partir do vivido, percebido, no mundo cultural que influencia, a construção sócio científica, em estruturas que não se limitem a leis físicas e matemáticas, perceber que o ser humano não é a síntese delas, mas, “que caminha em direção a eles e os sustenta” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 3), que está a li para percorrer com seus olhos a realização, e construção dela, com significados apropriados pelos sentidos, na qual remete a cada sujeito, pensar sobre sua existência, nas vontades, nos sonhos, da quais o compõe como ser vivente, que ver, percebe um mundo a sua volta e a si mesmo, como descobre-se no mundo que aprende a partir do seus sentidos, da cultura que está inserido.

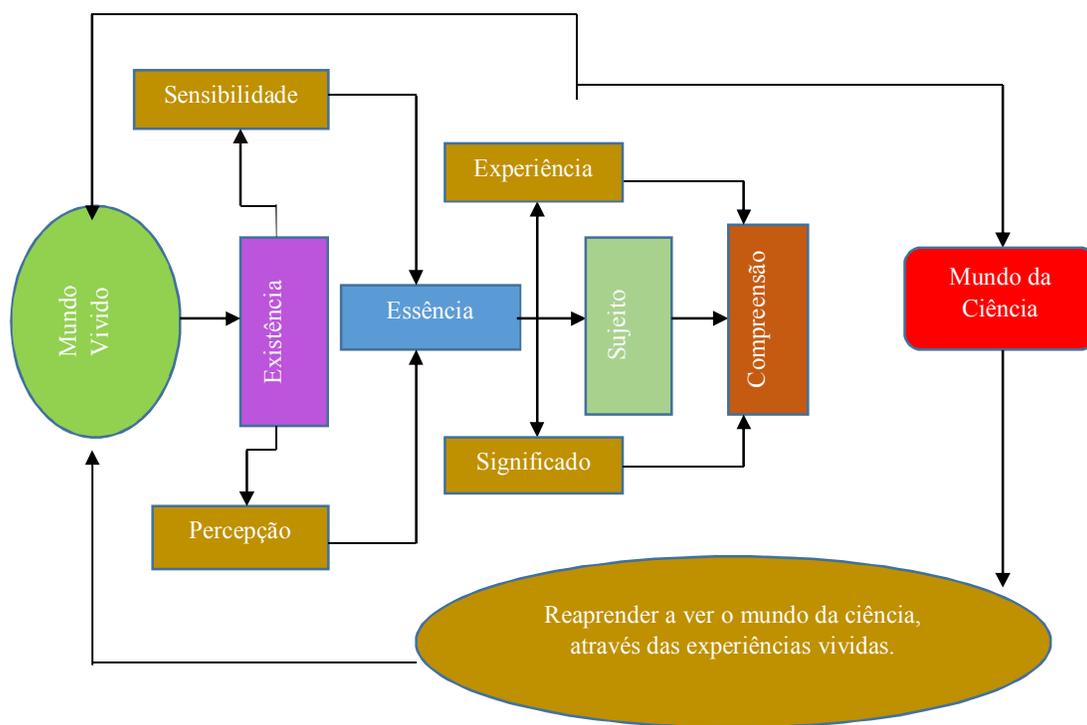
Representamos na figura 1, uma síntese, das considerações apresentadas anteriormente, sobre o mundo vivido, e os adjetivos para a existência da percepção do sujeito, na construção de significados, que ajuda a reaprender a perceber o mundo da ciência de outra maneira.

Maneira que inverte o sentido dado à ciência, como saber absoluto e superior, mas Merleau-Ponty (2007; 2011), expressa que temos que reaprender a perceber o que sentimos, vivemos, e valorizar nossa percepção, manifestada pela sensibilidade, na convivência social e individual, relações mútuas que estão presentes, no saber e na ação do percebido no intermundo (MOUTINHO, 2004), que nos rodeia, com todos os significados que existem e são construídos por nós.

Intermundo local de relações humanas e significados, realizado no movimento de sensibilidade e inteligibilidade do que vemos, ouvimos, sentimos proporcionados pelos sentidos, olfato, paladar, visão, tato, audição, que possibilita experimentarmos e criar significações sobre o que fazemos, aprendemos com influências de orientação cultural do lugar de onde nos situamos.

“Merleau-Ponty não para de dizer, que perceber não é ver de parte alguma e que o ser humano não é um *kosmotheoros* desengajado. Percebe-se sempre a partir de algum lugar, em um corpo finito, e não do ponto de vista de deus” (BIMBENET, 2012, p. 253).

Lugar do pensar, aprender, ensinar, viver que intermedeia a existência do sujeito, no fazer do movimento do corpo, que é meio que temos para sentir tudo o que realizamos no mundo vivido, que proporciona a partir da percepção, perceber os atos expressos no mundo, se transformando numa práxis de ato em primeira pessoa. Percebidos no decorrer da existência de cada sujeito, ato feito no transcorrer das experiências.



**Figura 1:** Representação do Mundo vivido ao mundo da ciência, a partir de Merleau-Ponty.  
**Fonte:** Silva; Souza, 2015.

## 2 PERCEPÇÃO DO MUNDO VIVIDO COM O ENSINO DAS CIÊNCIAS

Sentido esse que Merleau-Ponty (2004), aponta que a ciência, hoje não tem mais esse significado de acreditar que seu saber é infalível, absoluto, dogma que aos poucos os cientistas abriram portas para o sentido, percebido, antes realizado pelos campos das artes, da filosofia contribuíram de maneira fundamental para que a ciência se percebesse em outras possibilidades de existência, compreendendo-se que faz parte de um campo maior que é o mundo cultural.

A história da constituição é a história da passagem da multiplicidade à identidade. Assim, em vez de dizer que a percepção é uma “ciência iniciante”, o que lança sobre ela objetividades que em verdade ela constitui, será preciso dizer, ao contrário, que a ciência “é uma percepção que esquece suas origens e se crê acabada” (MOUTINHO, 2004, p. 279).

A ciência existe porque o ser humano é sujeito perceptivo, que possui subjetividade, interligada a experiência que vive nas trajetórias pessoais por meio de conexões do mundo vivido de outros sujeitos.

Ensinar ciências aos estudantes é compreender, que são possuidores de mundos culturais, que determinadas coisas tem sentidos, significados construídos socialmente, expressos nas maneiras de viver, interpretar, representar diante de situações que aparecem nas trajetórias de suas vidas, mesmo que tentem esquecer, ou não tentem inserir o que aprendem no mundo vivido, essas experiências estarão presentes, nas suas opiniões e atitudes. Percepção que Merleau-Ponty, indica que estão intrínsecas, a nossa existência.

Posso fechar os olhos, tapar os ouvidos, mas não posso deixar de ver, nem que seja o negro dos meus olhos, de ouvir, nem que seja este silêncio, e da mesma maneira posso colocar entre parênteses as minhas opiniões ou minhas crenças adquiridas, mas, o que quer que eu pense ou decida, será sempre sobre o fundo daquilo que anteriormente acreditei ou fiz (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 529).

A essência do mundo vivido são significações do mundo percebido, em que o sujeito se faz presente, aprendendo as relações dos saberes que estão nele, por meio da intersubjetividade. Relações que nos ensinam a perceber o que está a nossa volta, através dos nossos sentidos que não param de funcionar, mesmo quando decidimos fechar os olhos, fechar os ouvidos, são imbricações de sentir como ser humano, que possui consciência, mesmo quando decide não perceber, já se torna a percepção de uma ação, motivada por intenções.

O aprendido anteriormente, não se torna passado para nossas percepções quando nos colocamos como sujeitos do conhecimento, pois, quando entendemos a significação de uma palavra ou uma coisa aprendemos a utilizá-la a partir de nossas experiências, que nos dão possibilidades de entendemos outras significações do mesmo objeto.

Isso será possível, porque os atos de o que acreditávamos, estão presentes na essência existencial de cada sujeito, no momento que compreendemo-nos que “todo saber se instala nos horizontes abertos pela percepção” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 280).

Envolvemos o aprendido nos escritos de Merleau-Ponty, no saber construído no ensino das ciências que a significação do mundo seja primordial para que o estudante perceba o mundo vivido, como fonte de aprendizado como horizontes infinitos de interpretações de percepções do que vive, aprende, dentro de possibilidades que se entenda como construtor do mundo em tudo que existe.

O mundo do estudante seja o princípio para ensinar ciências, o professor ao construir o processo de ensino na sala de aula, compreenda que o aprender envolve perceber o mundo que está a sua volta. E que o estudante, tem um mundo vivido, onde constrói significados sobre a sua existência, que para ele a floresta tem um significado, e para a ciência pode ter

significados parecidos, ou diferentes, e que o professor como sujeito, possuidor de sensibilidades e percepções, pode aproveitar o saber adquirido do estudante no mundo vivido, para que se apropriem do mundo da ciência através de relações existenciais.

Relações existenciais, que são realizadas todos os dias nas expressões do agir humano, que são saberes dos quais são aprendidos e praticados nas experiências adquiridas no viver.

O corpo próprio está no mundo assim como o coração no organismo; ele mantém o espetáculo visível continuamente em vida, anima-o e alimenta-o interiormente, forma com ele um sistema. Quando caminho em meu apartamento, os diferentes aspectos sob os quais ele se apresenta a mim não poderiam aparece-me como os perfis de uma mesma coisa se eu não soubesse que cada um deles representa o apartamento visto daqui ou visto dali, se eu não tivesse consciência de meu próprio movimento e de meu corpo como idêntico através das fases desse movimento (MERLEAU-PONTY, p. 273).

O ser humano está no mundo para viver e construir significados, que são conectados ao lugar de vivência da qual está diante de si, no ato de percepção sobre o que existe, e poderá vir a existir. Ação possível pela conexão entre o interior do sujeito com o mundo vivido, da qual percebe as relações, e está presente nelas de várias maneiras como, ao ver uma ação, agir nela, ou outra que faça parte ou não de uma estrutura para alcançar algo.

Relação que não inflige apenas ver o mundo vivido e percebê-lo, mas está imerso, na qual decide ou não agir para transformar, ou manter como está. Mas, toda ação envolve uma percepção e um agir, que talvez o sujeito não perceba, mas constantemente seu ato de existir no mundo envolve intenções perceptíveis ou não. Como o nascer e o morrer, que o próprio sujeito não sabe contar, descrever essas ações presentes em sua história, mas que fazem e fizeram parte da trajetória da existência do ser, mesmo que não tenham consciência.

A percepção é a ação de perceber algum objeto, pensamento, tradição, conhecimento científico, e dá significados a eles, por meio do exercício do pensamento, que relaciona com a história, sentimento, do contexto de vivência, da cultura aprendida, representadas na criação do mundo percebido do sujeito.

Movimento que nos dá consciência de quem somos, na práxis de existência no que fazemos no contexto de vida. O estudante não seja um ser passivo na sala de aula, sinta no movimento, no ato do professor ensinar o desdobramento do ensino científico, relacionando-se com a trajetória de vida do lugar onde mora, e com a própria trajetória pessoal.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O mundo percebido interpretado nas obras de Merleau-Ponty ensina-nos a olhar, sentir o mundo em que vivemos além das aparências, demonstrando que as experiências são fontes essenciais para construir significados individuais e coletivos.

Perceber além das aparências é colocar o mundo em que vivemos em dúvida, ver as práticas de vida como significados construídos socialmente, investigando as razões de existência, para que faça o exercício de descobrir as intenções motivadoras e quem são os sujeitos envolvidos nas relações intermundo.

Experiências que a ciência se esforçou para rejeitar, mas a subjetividade está presente conosco, porque sempre iremos partir de um lugar para aprender, construir algo. Ensina que se a ciência aproveitar com intensidade o mundo percebido poderá alcançar campos epistemológicos ainda não compreendidos, desde que valorize as histórias de vida no mundo percebido.

Ensinar princípios como Merleau-Ponty aponta ajudará o professor na sala de aula, a perceber que o estudante possui saberes aprendido no mundo vivido transformado em percepção do que vive.

Mundo de relações intersubjetivas construídas no ambiente de vida, local de aprendizagem e ensino por meio das vivências que demonstram como agir no contexto social. A escola enfatize nas práticas de ensino o mundo percebido pelos estudantes para que sejam transformados em relações com o mundo da ciência, percebendo que a ciência é a expressão segunda das experiências vividas.

Os professores na práxis de ensino das ciências venham a compreender que a ciência é um elemento secundário, na existência do mundo, reaprenderam a sentir, perceber o que vivem através da essência existencial. Sintam o mundo que está a sua volta como em construção, que por meio das experiências aprendam os significados que existem no mundo vivido ao mundo da ciência, oportunizará realizarem relações entre os saberes.

Compreendam que a fonte de todos os saberes são as percepções construídas no mundo vivido, que são sujeitos que caminham em direção, sustentando-os, são eles que estão para percorrer, com seus sentidos o mundo vivido, do qual a ciência é expressão segunda.

A percepção de algo não nos revelara todas as significações que existem, mas no exercício da práxis e nas inter-relações com outros sujeitos é possível compreender aquilo que queremos.

A escola seja um espaço de comunicação significativa, que a essência possa ser os significados que as crianças realizam no mundo vivido, para que entendam o sentido das ciências no lugar em que vivem, compreendam a importância de utilizar os sentidos para que pensem nos significados existentes e criem outros, por meio das experiências.

### **Referências**

BIMBENET, Etienne. Como seria ver como um ser humano? Traduzido por Júlio Canhada.

**Dois pontos**. Curitiba, São Carlos, vol. 9, n. 1, p. 251-265, abril, 2012.

MERLEAU-PONTY, Maurice, 1908-1961. **Conversas, 1948**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

\_\_\_\_\_. **Fenomenologia da Percepção**. 4ª ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

MOUTINHO, Luiz Damon Santos. O sensível e o inteligível: Merleau-Ponty e o problema da racionalidade. **Kriterion**. Belo Horizonte, nº 110, p. 264-293, dez, 2004.